Comércio do Porto, 3-9-84

Orgulho por Cabora Bassa não fez esquecer situação dos sete detidos na Beira

Do enviado especial
DANIEL RODRIGUES

O terceiro dia de visita do primeiro-ministro Mário Soares à Moçambique caracterizou-se por dois acontecimentos de elevada importância à sua deslocação a Cabora Bassa e o encontro com a comunidade portuguesa na cidade da Beira, onde teve, designadamente, a oportunidade de dialogar com famílias de presos portugueses.

Soares debateu com o governador de Sofala, Marcelino dos Santos, a situação de sete portugueses detidos na cidade da Beira.

Os detidos, nessa situação, há mais de um ano, não foram julgados nem objecto de culpa formada. São acusados de ligações com um britânico preso e já condenado por espionagem a favor dos guerrilheiros anti-governamentais.

Uma fonte próxima do Primeiro-Ministro disse que Mário Soares manifestou a Marcelino dos Santos a sua preocupação com a situação dos detidos e advogou a necessidade de «esclarecer tal situação».

O caso dos portugueses presos em Moçambique faz parte da agenda de Soares, que tem vindo a ser discutida durante a sua visita.

Antes de se encontrar com Marcelino dos Santos, Soares recebera alguns familiares dos sete detidos sem culpa formada nem julgamento na Beira. Segundo esses familiares, alguns detidos começam a apresentar perturbações psíquicas e físicas.

Durante mais de meia hora Soares ouviu as queixumes de Rosália Fox, Maria Madalena Silva e Elisabeth Guerra, esposas de detidos, que informaram o Primeiro-Ministro de que a situação dos detidos é dramática.

Os detidos são oito, mas apenas um se encontra condenado a 8 anos de prisão o restantes encontram-se sem culpa formada a um ano e outros a mais.

Hoje, Mário Soares avistar-se-á com o presidente Samora Machel a quem também exporá esta situação.

ORGULHOSO POR CABORA BASSA

A visita ao complexo hidroeléctrico de Cabora Bassa dominou no entanto o terceiro dia da visita oficial de Soares.

Ao princípio da manhã, Mário Soares e mulher, acompanhados pelos ministros português e moçambicano dos Negócios Estrangeiros e parte da comitiva que o acompanhou desde Lisboa, viajaram num «boeing» das linhas aéreas de Moçambique (LAM) entre Maputo e Tete.

Após uma sessão de boas vindas presidida pelo governador da província, Eduardo Arão, Soares e acompanhantes foram transportados em quatro avionetas numa viagem de 30 minutos até ao Songo, onde está instalado o complexo hidroeléctrico de Cabora Bassa.

Depois da visita e imediatamente antes do almoço, o governador da província saudou o esforço e dedicação dos trabalhadores portugueses que ali operam.

Mário Soares agradeceu e depois de se declarar orgulhoso e emocionado com a visita à hidroeléctrica «que honra a engenharia portuguesa», manifestou a disposição de Portugal de tudo fazer para o estabelecimento da paz em Moçambique.

De novo em avionetas a comitiva regressou a Tete de onde partiu no mesmo «boeing» da LAM para a cidade da Beira, província de Sofala, onde reside a segunda maior comunidade portuguesa radicada em Moçambique que se estima em mais de três mil pessoas.

O SÍMBOLO DA COOPERAÇÃO

No aeroporto o Primeiro-Ministro era esperado pelo governador da província, Marcelino dos Santos, com quem manteve conversações após uma recepção no pavilhão do Ferroviário da Beira à comunidade portuguesa e na qual participaram algumas centenas de pessoas.

A viagem de regresso entre a Beira e Maputo terminou quase às 22 horas locais (21 em Lisboa), concluindo o dia mais movimentado da visita de Soares a Moçambique.

Durante as 15 horas que durou esta série de viagens, Maria Barroso, mulher do Primeiro-Ministro, utilizou três indumentárias diferentes.

No complexo de Cabora Bassa, onde trabalham 1.580 pessoas, 250 das quais portuguesas, Soares ofereceu ao governador de Tete um painel de azulejos de Portugal, tendo recebido de Eduardo Arão vários objectos em pau preto, além de uma peneira feita por uma moçambicana e pintada à mão por uma portuguesa.

«É o perfeito símbolo da cooperação luso-moçambicana» — disse na altura o governador de Tete.

MARCELINO SOLICITADO

Na Beira, ao encontrar-se com a comunidade portuguesa, Mário Soares diria às largas centenas de portugueses dos seus projectos, e da sua vontade firme de poder contribuir para a solução de situações que os preocupa, designadamente os detidos.

Marcelino dos Santos, o homem-forte da FRELIMO, vice-presidente do Comité Central e governador da província da Beira, deu um autêntico espectáculo no encontro com a comunidade portuguesa. Jornalistas portugueses nem sequer o deixaram petiscar.

«Não fostes vós que criastes as cadeias?» — diria num tom humorístico quando um jornalista lhe perguntou sobre os presos na província de que é governador.

«Bem, os portugueses, aqui residentes, integram-se bem na nossa política, eles sabem que é para bem deles» — respondeu à pergunta do repórter. «Integram-se, — frisou — agarrando-se fortemente ao nosso abraço» perante uma entusiástica gargalhada dos muitos repórteres e portugueses que cercavam aquele popular político, braço-esquerdo de Samora Machel. Dissemos esquerdo, isso mesmo: é voz corrente nos bastidores que Marcelino dos Santos, companheiro do desterro de Mário Soares, não dará tanta abertura como o (também popular) Samora.